A Questão da Técnica

Sobre a técnica, não se tem dúvidas do processo de ressignificação que o termo passou, sendo inevitavelmente ligada à tecnologia, à indústria, a um mercado de massa, à produção em série. No campo da arte, logo somos conduzidos a pensar a técnica como um conjunto de habilidades desenvolvidas para a execução de algo, seja música, artes plásticas, teatro, audiovisual ou literatura. Heidegger, no entanto, faz um resgate rumo à essência do termo para que possamos compreender o percurso de transformação da técnica e se podemos e o que podemos reconhecer em sua definição atual.

O relacionamento livre com a técnica do qual fala Heidegger muito tem que ver com conhecer-lhe profundamente, não sendo essa profundidade medida por quantidade de conhecimento que obteremos sobre ela, mas a sua essência como nome, como presença, como regência.

Heidegger explica que a essência da técnica não é técnica. Relacionar-se com essa essência não requer afastamento ou proximidade, afirmação ou negação da técnica. Manter-se neutro tampouco ajuda. É preciso saber o que ela é, afinal. O que é essa essência. O processo e o produto de uma atividade humana pertencem à técnica, bem como sua função. Tudo isso perfaz a técnica, segundo Heidegger.

A técnica é também um instrumento. É importante não perder de vista que esse ‘também’ quer dizer que a técnica é isso E outras coisas. Entretanto, Heidegger ressalta que a forma como a técnica tem sido vista hoje a restringe ao seu caráter instrumental. Isso significa dizer que ela é sempre um meio para um fim. Diz Heidegger: “Pretende-se dominar a técnica e esse querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem”

O Exato não precisa descobrir a essência, por isso que admite-se a técnica como meio ou instrumento. O exato é inexato quanto à essência, e por isso falso. Acessar a essência requer conhecê-la em si, não fora de si.

Ele estabelece um paralelismo entre causa e efeito/ meio e fim. Dessa forma, onde opera a instrumentalidade, impera a causalidade

A finalidade na técnica moderna já não pertence à causalidade

Heidegger diz isso por acreditar que nós obstruímos o caminho para o que se chama causalidade. Enquanto este caminho não se abrir, também não perceberemos o que é propriamente a instrumentalidade que repousa na causalidade, que representa um modo de dever e responder.

Com isso Heidegger pensa a polarização que se faz entre técnica artesanal antiga e técnica moderna, colocando o primeiro como algo que faz eclodir o seu produtor e a técnica moderna onde o próprio produto se faz eclodir. É quase que uma teoria da geração espontânea filosófica, onde o produto aparece alienado de seu produtor, daquele que, a partir de sua força, de ordem intelectual ou física, já não aparece no resultado e nem no processo. Ele apenas observa se o processo e o produto se deram conforme a exatidão de suas previsões.

Segundo Heidegger, a produção conduz do encobrimento para o desencobrimento. Isso faz lembrar, por exemplo, a fala de Michelangelo, que diz enxergar em cada bloco de pedra bruta uma escultura a ser descoberta. A fala dele é precisamente esta:

“Em cada bloco de mármore vejo uma estátua; vejo-a tão claramente como se estivesse na minha frente, moldada e perfeita na pose e no efeito. Tenho apenas de desbastar as paredes brutas que aprisionam a adorável aparição para revelá-la a outros olhos como os meus já a vêem.”

 O próprio Heidegger afirma que é no desencobrimento que se funda toda produção, embora o encobrimento dos meios dessa produção leve a um encobrimento parcial da produção em si, pois somos incapazes de compreender certas transformações (que chamamos evoluções) da técnica, de forma que o produto final também parece encoberto.

A técnica não é um simples meio, mas uma forma de desencobrimento. A técnica pertence à produção e ao poético. Heidegger ainda traz uma interessante reflexão sobre as diferenças entre a técnica e a epistéme. A técnica é uma forma de aletheia, pois ela desencobre o que não se produz a si mesmo e ainda não se dá e propõe, podendo assim apresentar-se e sair, ora num, ora noutro perfil.

Heidegger não nega à técnica moderna a peripécia do desencobrimento. Só que o que parece é que esse desencobrimento é cada vez mais alienante.

Heidegger apresenta, por exemplo, a questão do lavrador que cuida da terra ao lavrá-la em contraste à terra que esse desencobre como uma jazida de exploração. Pôr se à natureza é bastante diferente de dispor da natureza, pois a relação que se tem com a segunda, parece-me uma questão de distanciamento, como se o cuidado fosse dispensado e dispensável e sobrasse apenas o desencobrimento cru da terra, que em seu silenciamento traduz-se para o explorador um convite para deixá-la completamente nua, desamparada e extorquida. Assim, a natureza é um mero dispositivo à disposição da exploração. Ela não é a força, mas o instrumento para se chegar a um fim. A natureza é disposta como instrumento, e, em última instância, como um produto secundário a ser consumido.

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica o pôr no sentido de explorar. O desencobrimento mune-se de controle absoluto. Adestra-se a natureza ou assim acredita-se.